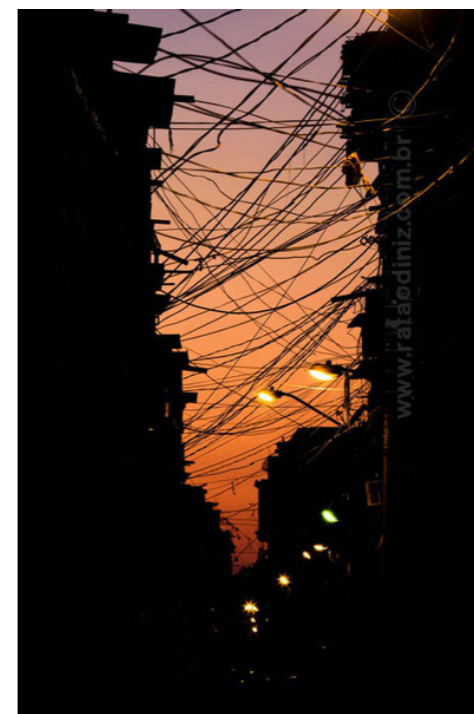


(RE)VELANDO TRAMAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA CIDADE: DEVIRES POLÍTICOS E POÉTICOS DA FOTOGRAFIA

Flaviana Gasparotti Nunes¹

A imagem não representa nada; ela é sensação pura, puro sentido produzido na relação. E, na afecção que produz no sujeito, incita o pensamento.

Sílvio Gallo (2016, p. 24).



Amanhecer na favela Rubens Vaz, Maré.

Autor: Ração Diniz
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/rataodiniz/19301224605>

¹ Professora Associada - Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). flaviananunes@ufgd.edu.br.
✉ Rod. Dourados-Itahum, Km 12, Faculdade de Ciências Humanas, UFGD, Caixa Postal 364, Dourados, MS. 79.804-970.

(Re)velando tramas de vivências e experiências na cidade: devires políticos e poéticos da fotografia
Flaviana Gasparotti Nunes

“O que pode uma imagem? A imagem pode algo como pensamento? Ou, dizendo de outro modo: pode a imagem devir pensamento?” Essas questões formuladas por Gallo (2016, p. 18) nos pareceram bastante relevantes e apropriadas para iniciarmos, ou melhor, darmos continuidade a este texto que, de fato, se inicia com uma imagem.

A fotografia “Amanhecer na favela Rubens Vaz, Maré” é nosso ponto de partida. Partida aqui não somente no sentido do ponto de saída visando chegar a outro ponto, a um destino; partida no sentido de impulsão, uma espécie de motor de arranque. De afetação que impulsiona, produz e faz proliferar o pensamento.

A imagem fotográfica se coloca não apenas como comunicação ou representação, assim:

[...] transitamos de uma imagem-comunicação, que se produz como palavra-de-order, que induz a uma ação e ao não pensamento para uma imagem-sensação que, num jogo logopático, nada representa, mas cria um universo de sensações que mobilizam o pensamento (GALLO, 2016, p. 25).

Que universo de sensações cria a fotografia de Ratão Diniz? Que pensamentos essas sensações mobilizam? A partir das sensações trazidas pela fotografia, tentaremos esboçar alguns pensamentos que estas mobilizaram em nós.

Mas é preciso falar um pouco sobre o fotógrafo, pois a tomada de ponto de vista relaciona-se a uma identidade, a uma forma de estar no mundo; expressa as experiências de quem captura a imagem.

O autor da foto, Ratão Diniz, nasceu na Nova Holanda, uma das comunidades que compõem o conjunto de favelas da Maré na cidade do Rio de Janeiro. É formado pela Escola de Fotógrafos Populares/Imagens do Povo, realizada pelo Observatório de Favelas.²

² O Imagens do Povo é um centro de documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho. Criado em 2004, o programa alia a técnica fotográfica às questões sociais, registrando o cotidiano das favelas através de uma percepção crítica, que leve em conta o respeito aos direitos humanos e à cultura local. O Imagens do Povo desenvolve ações nas esferas da educação, comunicação e arte, com objetivo de democratizar o acesso à linguagem fotográfica, apresentando a fotografia como técnica de expressão e visão autoral da sociedade. O foco crítico consiste em formar e promover documentaristas fotográficos, potenciais multiplicadores do saber adquirido, capazes de desenvolver trabalhos autorais de registro de espaços populares, valorizando as histórias e as práticas culturais de suas comunidades, além de estimular o fortalecimento de vínculos identitários a partir do uso da linguagem fotográfica, que se torna instrumento de acesso e mapeamento de diferentes expressões culturais e sociais dos territórios onde residem, ampliando as possibilidades de difusão de novas imagens destes locais. Para mais informações ver: <http://www.imagensdopovo.org.br/>.

Para o fotógrafo:

A favela é um espaço cheio de contrastes: conflitos e amizades, gargalhadas e choros, alegrias e tristezas. [...] Historicamente a grande mídia desconsidera as relações do querer-bem que nós, moradores, temos um com o outro, priorizando a difusão de uma visão estigmatizante de violência e carência sobre a favela e os favelados. No desejo de querer contar a minha versão das histórias vividas (por mim e meus companheiros favelados), entendi o quanto a fotografia é uma ferramenta poderosa [...].³

Assim, desde 2004, Diniz fotografa os espaços populares a partir da ótica de morador, oferecendo um contraponto ao imaginário popular criado sobre as periferias, difundido pela mídia hegemônica.

Entre seus trabalhos, destaca-se o projeto “Revelando os Brasis”, realizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e Petrobras e uma documentação fotográfica sobre o cenário do graffiti que foi apresentada na exposição “Fotograffitando” realizada no Centro Cultural Correios durante o ‘Foto Rio’ 2009. Além destes projetos, o fotógrafo já participou de inúmeras mostras fotográficas no Brasil e no exterior tendo seu trabalho publicado em diversos livros e periódicos.⁴

Seguindo a trilha proposta por Gallo (2016), vamos agora às sensações. O que vemos: um emaranhado de fios e cabos elétricos sobre nossas cabeças. A sensação de quem olha para cima e vê uma caoticidade, uma desordem na infinidade de cabos elétricos que cruzam de um lado a outro de uma rua (ou uma passagem, uma via? Há ruas na favela?). Nessa desordem, o escuro das edificações (casas, moradias, lugares de vida – tem gente lá, apesar de não haver claridade) contrasta com a luz em tonalidade amarelo/laranja do sol nascente que em nosso imaginário, bastante povoado por clichês imagéticos, conduz a um certo ar bucólico e com

as lâmpadas dos postes de iluminação pública (pontos de luminosidade naquela imensa escuridão caótica do lugar favela).

Essas sensações mobilizaram em nós alguns pensamentos que se expressaram inicialmente como questionamentos: Quais as distinções e limites entre o belo e feio, entre a ordem e o caos na trama infinda de cabos elétricos que olhamos de baixo para cima? Aquilo que, em princípio, remeteria a uma ideia de feio por sua desordem e ilegalidade⁵ que não corresponde à cidade ideal limpa, clara e ordenada é tensionado e questionado pelo contraste com a bela tonalidade do amanhecer.

A cidade ideal (seria apenas bela?) também se compõe daquilo que se quer negar. O amanhecer na favela Rubem Vaz pode ser tão belo quanto no Leblon. Depende da forma como o miramos. A luminosidade escolhida por Diniz em sua fotografia nos possibilita essa sensação-pensamento. O suposto “feio” da favela torna-se belo porque de fato a luminosidade do amanhecer é a mesma para todos os habitantes da cidade.

Esses pensamentos, por sua vez, se desdobraram em outros questionamentos/pensamentos: Quantos fios tramam nossas vivências e experiências na cidade? Onde e como essas tramas se (des)encontram?

³ Fala disponível em: <https://rataodiniz.46graus.com/historias-que-eu-conto/favela-1/>.

⁴ Outras informações sobre os trabalhos e projetos do fotógrafo podem ser encontradas em seu site: <https://rataodiniz.46graus.com/>.

⁵ É sabido que muitas das ligações elétricas feitas em favelas não são regularizadas junto às companhias fornecedoras de energia elétrica, configurando que se tornou popularmente denominado “gato”.

(Re)velando tramas de vivências e experiências na cidade: devires políticos e poéticos da fotografia

Flaviana Gasparotti Nunes

Na fotografia de Diniz o destaque aos fios e cabos elétricos constituindo uma trama confusa e desordenada pode ser pensado como uma metáfora para nossas próprias vivências e experiências no/com o urbano. Milhões de vidas que traçam fios; fios que tramam percursos, trajetórias, conjunto inumerável de relações, contatos, mas também de separações – por meio de muros visíveis ou invisíveis – que fazem o existir desse lugar cidade. Milhões de “estórias-até-agora” como nos diria a geógrafa inglesa Doreen Massey.


A fotografia de Ração Diniz trouxe sensações que mobilizaram pensamentos e esses pensamentos proliferaram em outros pensamentos. Fez eco com a poesia concreta de Augusto de Campos⁶ que, com as palavras atadas à cidade, traça os fios que tecem as tramas (caóticas?) de nossas vivências e experiências na/com a cidade:

atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorganiperiodiplastipublirapareciprorustisagasimplitenaveloveravivaunivora

cidade

city

cit 

Devir pensamento, política e poética da fotografia. 

REFERÊNCIAS

GALLO, Sílvio. Algumas notas em torno da pergunta: “o que pode a imagem?” **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 16-25, jan./abr. 2016.

6 No poema Cidade city cit  (1963) palavras com o sufixo “cidade” (que possuem o mesmo significado em português, inglês e francês) são colocadas numa ordem sucessiva, linear e alfabética (atro-cadu-capac, etc). Assim, basta encaixar a palavra cidade, city ou cit  após os “pedaços de palavras” do texto e a leitura adquire sentido.